



TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ENSINO DE GRAMÁTICA À LUZ DA INTERAÇÃO

Fabrício José da Silva¹

Universidade Federal de Alfenas

(fabriciojosesilva48@gmail.com)

Apoio SESU/MEC – Programa de Educação Tutorial

É de praxe, na atualidade, dizer que, em se tratando do ensino de gramática, deve-se considerar, a princípio, a situação interativa de comunicação em que determinado falante se encontra. Nessa perspectiva, questões sociais que emergem do uso da língua no dia a dia como o preconceito linguístico, por exemplo, têm maiores chances de ser reconhecidas.

No entanto, considerando-se que falar em ensino implica direta ou indiretamente referência ao professor, é relevante que este conheça e aprofunde seus conhecimentos no que diz respeito aos conceitos de gramática e os objetivos que concernem a cada um. Tal fato se justifica na medida em que o aluno se depara com diversas situações comunicativas, que exigem dele adequações à sua fala. Nesse sentido, se o professor não domina e/ou desconhece tais conceitos de gramática, limita-se a uma única perspectiva apenas. Por consequência, o aluno pode acabar se limitando também. Inferências como estas podem ser feitas quando da leitura de *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, de Luiz Carlos Travaglia, publicado em 2009, pela Editora Cortez.

Professor, pesquisador, escritor e doutor em Linguística pela Unicamp, Luiz Carlos Travaglia, como se pode notar em suas obras, tem atuado especialmente na área de Linguística Aplicada, com foco no funcionamento textual-discursivo da Língua Portuguesa. Além da obra em questão, publicou outros livros, dos quais podem ser citados *O Aspecto Verbal no Português: a Categoria e sua Expressão* (Edufu), *A coerência textual* (Ed. Contexto) e *Texto e coerência* (Cortez Editora).

Na primeira parte, munido de sólido arcabouço teórico e didático, Travaglia busca, por intertextos, relacionar o ensino de gramática às situações interacionais comunicativas que a(s) esfera(s) social(is) exige(m) por parte do aluno – cidadão que se pretende ativo na sociedade. Ancorado na teoria de Bakhtin, Travaglia diz que o enunciador, durante o processo de comunicação – fala ou escrita –, sempre dialoga com seu interlocutor. Dessa feita, ao mesmo tempo em que o autor discute e define as concepções de gramática para seu respectivo ensino, o

¹ Acadêmico do curso de Letras (habilitação Português) pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal/MG), bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Letras).



linguista ainda aponta exemplos e casos nos quais tais conceitos se encaixam numa dada situação comunicativa e como esses podem ser trabalhados durante o processo de ensino. Aponta, também, na introdução do livro, o fato de que muitos professores se esmeram na tentativa de inovar o ensino. Todavia, ao desconsiderar o peso significativo da tradição – no caso o da gramática normativa –, muitos acabam por fracassar na missão, voltando ao ensino tradicional a que desprezara a princípio. O mesmo apontamento também se reflete na obra de Possenti (1996), em que o autor faz jus ao peso significativo da tradição, ressaltando a sua contribuição. O mesmo não se repete na obra de Ferrarezi (2018), por exemplo, por se situar ampla e profundamente na perspectiva funcionalista da língua(gem).

Palavras como “cotexto” e “contexto” estão sempre presentes na obra em causa. Cotexto, no dizer do autor, refere-se à materialidade linguística, ao texto puro e simplesmente; contexto, por sua vez, refere-se à esfera, ao espaço comunicativo que se apresenta em determinada situação de interação. O cotexto, portanto, determina o sentido atribuído ao contexto. Talvez cotexto e contexto sejam inseparáveis. Dada sua importância, ao explicitar os casos em que melhor se adequam às concepções de gramática, tais palavras ganham notoriedade no decorrer do texto.

Outro estimável valor da obra repousa no fato de que, para além das concepções de linguagem adotadas pelo professor, toda e qualquer concepção de gramática não se reduz à atribuição de preconceitos. Ressalte-se o fato de que a difusão do preconceito linguístico, tema de maior ênfase em Bagno (2002) *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, estaria, na maioria das vezes, atribuído à gramática normativa. Travaglia ressalva que, se existe preconceito, este seria resultado da constituição histórica na qual se encontra uma determinada ideologia. Por essa razão, o autor defende que qualquer concepção de gramática pode ser trabalhada à guisa de interação.

Na segunda parte, o linguista trata, em especial e mais especificamente, do ensino de gramática. Ao citar o peso da tradição, Travaglia nos mostra, a partir de pesquisas, como o ensino se pauta demasiadamente em virtude da gramática normativa e como esse ensino gravita em torno da sintaxe e das classes de palavras. Entretanto, é oportuno lembrar, uma vez mais, que o autor não se posiciona de modo incompatível à normatividade da língua, uma vez acreditando que, em determinadas situações, é preciso valer-se dessa; ao passo que, em outras, deve se valer das demais concepções, mesmo porque a tradição também apresenta suas falhas. Em outras palavras, o linguista tenta mostrar ao professor que existe a possibilidade de se realizar o ensino de gramática concomitantemente às concepções que são de conhecimento do professor, insistindo no objetivo de ensinar a língua em conformidade com a competência comunicativa e a forma de interação.

Seguindo a corrente teórica a que se filia o autor, agora é a vez de tratar do texto e do discurso. Com o texto e o discurso, não poderia ser diferente: o autor se preocupa em desenvolver a competência comunicativa e em mostrar determinados efeitos nas situações de interação comunicativa. Ademais, defende,



dialogando em grande medida com Corrêa (1997), que a exterioridade e suas determinações sócio-histórico-ideológicas afetam significativamente a constituição do texto.

Interação, como quer seu próprio título, é a palavra-chave da presente obra resenhada, seja para se referir aos tipos de gramática e a questões pertinentes ao ensino, seja para se referir, com maior primor, ao texto e ao discurso. Portanto, Travaglia utiliza-se das nomenclaturas gramaticais com vistas ao favorecimento da competência comunicativa. Não se trata de nenhum apelo à determinada tipologia de gramática para com o professor, pois a gramática deve ser entendida como instrumento de formação intelectual. À primeira vista, talvez o leitor entenda que o autor possa desconsiderar a importância da leitura nesse processo, porém há de se considerar que o livro se destina a professores, sejam estes formandos ou já formados, supondo que já (re)conheçam a relevância daquela. Didática e por vezes cômica, a leitura da obra espera promover uma comparação entre o que pode ser aconselhável ou não no ensino de gramática, valendo-se da interação.

Referências

CORREA, Manoel Luiz G. (Manoel Luiz Gonçalves). **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1997. 422f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270919>>. Acesso em: 21 jul. de 2020.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sintaxe para a educação básica**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

Recebido em: 05/03/2021

Aprovado em: 01/04/2021